

Imagens e sentidos distorcidos em representações de narrativas históricas e literárias amazônicas

Distorted images and meanings in representations of amazonian historical and literary narratives

Manoel Messias Feitosa Soares¹

Joely Coelho Santiago²

Fernando Simplício dos Santos³

Resumo: Neste estudo, tecemos uma reflexão crítica sobre um conjunto de textos literários e não literários que versam sobre representações da Amazônia. Do primeiro bloco, comentamos narrativas ficcionais de Mário Maia, Alberto Rangel e Carlos Vasconcelos. Já do segundo bloco, interpretamos textos de Euclides da Cunha, Thomas Whiffen, Craveiro Costa, entre outros. Para a consecução da proposta, o principal objetivo da investigação é problematizar aspectos presentes em textos selecionados, classificando-os aqui como amazonialistas e/ou colonizadores. Assim, buscamos perceber de que forma determinados processos discursivos foram se constituindo e reconstituindo ao longo dos tempos e dos espaços amazônicos, tendo como foco de discussão diversos objetos e sujeitos que fornecem múltiplas representações à Amazônia. O estudo desta temática é relevante e justifica-se por apresentar olhares de diferentes autores sobre o mesmo objeto. Por um lado, entendemos que o ato de narrar, nomear, renomear é tomar posse, por meio das percepções de sujeitos que cunharam significados *in loco*, frisando suas próprias experiências, atravessadas pelos valores culturais e ideológicos dos grupos e sociedades dos quais são partícipes; por outro lado, a partir do momento em que há uma resignificação do universo, no caso, Amazônico, por parte de viajantes, literatos, teóricos, etc., existe uma construção discursiva que reescreve a história através de uma perspectiva que é, por exemplo, pejorativa e deturpa inúmeros sentidos sociais e culturais. As análises aqui expostas são fundamentadas pelos seguintes autores e autoras: Albuquerque (2016/2019); Freire (2011); Ishii (2019); Loureiro (2014); Said (1990), entre outros.

Palavras-chave: Sujeitos amazônicos; Espaços/tempos; Narrativas e memória; Discursos amazonialistas.

Abstract: In this study, we weave a critical reflection on a set of literary and non-literary texts that deal with representations of the Amazon. From the first block, we comment on fictional narratives by Mário Maia, Alberto Rangel, and Carlos Vasconcelos. From the second block, we analyze texts by Euclides da Cunha, Thomas Whiffen, Craveiro Costa, among others. To achieve the proposal, the main objective of the investigation is to problematize aspects present in selected texts, classifying them here as Amazonianists and/or colonizers. Thus, we seek to understand how discursive processes were constituted and reconstituted over time and in Amazonian spaces, focusing on various objects and subjects that provide multiple representations of the Amazon. The study of this theme is relevant and justified by presenting the views of different authors on the same objects. On the one hand, we understand that the act of narrating, naming, and renaming is to take possession, through the perceptions of subjects who coined meanings in loco, emphasizing their own experiences, crossed by the cultural and ideological values of the groups and societies to which they belong; on the other hand, from the moment there is a resignification of the universe, in this case, the Amazonian, by travelers, literary figures, theorists, etc., there is a discursive construction that rewrites history through a perspective that is, for example, pejorative and distorts numerous social and cultural meanings.

Keywords: Amazonian subjects; Spaces/times; Narratives and memory; Amazonialist discourses.

Introdução

¹ Doutorando em Letras: Linguagem e Identidade (PPGLI/UFAC). Lattes: <https://lattes.cnpq.br/7908825005583820>. Orcid: <https://orcid.org/0000-0002-1024-2455>. E-mail: manoel.soares@sou.ufac.br

² Doutoranda em Letras: Linguagem e Identidade (PPGLI/UFAC). Lattes: <http://lattes.cnpq.br/5330405551363124>. Orcid: <https://orcid.org/0000-0003-4648-8665>. E-mail: joely.santiago@sou.ufac.br

³ Docente da Universidade Federal de Rondônia, do Programa de Pós-Graduação em Estudos Literários da UNIR e do Programa de Pós-Graduação em Letras: Linguagem e Identidade da UFAC. Doutor em Teoria e História Literária pela Unicamp. Lattes: <http://lattes.cnpq.br/3201471894283721>. Orcid: <https://orcid.org/0000-0002-7853-5713>. E-mail: fernandosimpliciosantos@unir.br

A partir das leituras e reflexões realizadas sobre os espaços/tempos amazônicos, contidas em palestras, artigos, capítulos de livros, conferências, cursos, bem como em aulas assistidas que foram ministradas e, em alguns casos, depois transcritas sobre a temática por vários professores e pesquisadores – tais como: Gerson Rodrigues de Albuquerque, Albert Memmi, Márcio Souza, José Ribamar Bessa Freire, João José Veras de Souza, Nelson Maldonado-Torres, Lucilia de Almeida Neves Delgado, Agenor Sarraf Pacheco, Raquel Alves Ishii, entre muitos outros – é possível desenvolver uma nova forma de perceber as diversas maneiras de se gerar sentidos que foram atribuídos aos seres humanos e não humanos; às paisagens naturais e geográficas presentes nas regiões que atualmente pertencem ao espaço denominado de Amazônia.

Os estudiosos supracitados nos instigam a problematizar o óbvio, assim como nos estimula a problematizar a própria maneira de problematizar este óbvio. Nesse sentido, eles nos fazem pensar sobre o motivo por que elegemos determinadas indagações e não outras; a maneira pela qual percebemos certos aspectos e não outros; se estamos pensando a partir de nossas concepções ou se estamos apenas reproduzindo discursos que nos fizeram acreditar a partir de interesses de outros. Estes outros são considerados aqui como emissores de discursos amazonialistas, colonizadores, naturalizantes e homogeneizadores de modos e formas de ser de pessoas que, para eles, por “serem diferentes” são tratadas como “inferiores”, “vazias” de humanidade e civilização, cujos valores sociais, políticos, econômicos e religiosos não são expressivos ou muito “diferentes” dos considerados como “civilizados”. Dessa forma, procuramos demonstrar de que modo as análises de algumas narrativas ficcionais e não ficcionais selecionadas aqui projetam novos olhares, no sentido de desfamiliarizar o que está posto a respeito da natureza e do social na região aqui em destaque: a Amazônia.

Acreditamos ser importante informar o lugar de onde “os” nossos “eus” se posicionam, isto é, somos bisnetos(as), netos(as), filhos(as), irmãos(as) “de” seringueiros. Portanto, somos amazônidas. Esclarecemos que muitas obras teóricas, literárias e históricas não representam na íntegra os traços culturais da região da floresta, uma vez que, sob a ótica do colonialismo, os habitantes da Hileia são pessoas pejorativamente representadas: “[...] uma vez mencionadas as pessoas, elas são de costumes feios, seres sujos, preguiçosos, sem iniciativa, que precisam da presença de um superior. É assim que a América, como a Amazônia, são inventadas e reinventadas.

[...]" (Nenevé e Sampaio, 2015, p. 25) – é assim que sentidos inerentes a várias expressões culturais ou a certo *modus vivendi* são deturpados, distorcidos.

Acreditamos que o universal só existe a partir do local, do micro para o macro, do ser e do não ser, mas que só passa a existir para a coletividade humana, representando-se na linguagem. Precisamos da razão, da lógica, da racionalização das coisas, mas também devemos lançar mão da nossa imaginação para representar as relações concretas de mundos, de seres e de coisas reais e experienciadas.

É através da linguagem que representamos o universo das coisas e de seres que povoam “universos laterais”, imaginários que são expressos através dos sentidos, materializados em signos linguísticos. Assim, entendemos que muitos relatos históricos e literários fazem uso das palavras/conceitos que fazem parte da escola euclidiana, na qual, na esteira do que foi descrito em *Um paraíso perdido*, enxerga de forma depreciativa o universo amazônico, cujos habitantes, por exemplo, são vistos como "fracos", "inúteis", "doentes", "rebotalho", "incompleto", "vazio", "inferno", "primitivo", "selvagem", "rude", "lerdo", "preguiçoso", "traíçoeiro", "ingênuo", (Costa, 1940). São signos que buscam representar a Natureza e o Homem, mas reduzindo suas funções culturais de forma expressiva.

Por isso, acreditamos que é necessário problematizar essas representações, de modo a (des)familiarizar sentidos e valores que distorcem, historicamente, questões referentes ao universo amazônico. Com outras palavras, reconhecemos que há uma defesa em torno de uma falsa ideia que resvala sobre uma posição discursiva que não reconhece a importância cultural amazônica, instaurada e reinstaurada a partir de justificativas impostas de maneira extremamente ideológica, a serviço de interesses de grupos políticos, religiosos e econômicos, regidos por aqueles que muitas vezes analisam a Hileia a partir “de fora”.

É por conta disso que, estando imbuídos de valores e sentimentos amazônicos, buscamos compreender o processo de nomeação, apossamento e exploração ocorrido neste espaço multicultural, a partir do "(des)envolvimento" social, religioso e mítico, inerente a concepções de mundo e de vida de humanos e não humanos que nele habitam. Nesse processo, consideramos que "à História e à memória compete buscar empreender tal tarefa. Sua contribuição maior é a de buscar evitar que o ser humano perca referências fundamentais à construção das identidades coletivas, [...]" (Delgado, 2003, p. 14) – que representam experiências de sujeitos sociais, mediados pelos

interesses dos espaços/tempos de suas épocas. A seguir, apresentaremos algumas reflexões sobre os textos não literários e literários que serão analisados neste trabalho, tecendo apreciações sobre os sentidos amazonialistas apresentados pelos seus autores e autoras.

Representações da Amazônia, o ato de nomear, apossar e explorar para “Si” e para o “Outro” – a presença de palavras/conceitos amazonialistas em narrativas históricas

Ao considerar narrativas históricas e literárias escritas por alguns autores que narraram e representaram os seres e espaços amazônicos, podemos destacar, por exemplo, o pensamento de Euclides da Cunha, Leandro Tocantins, Castelo Branco, Craveiro Costa, Océlio de Medeiros, Abguar Bastos, Miguel Ferrante, Mário Maia. Estes por vezes avaliam a Amazônia como um lugar onde “não existe clemência”, “sol de rachar”, “inferno verde”, isto é, uma floresta que “engole os homens”, devorando suas forças, sua juventude ou até mesmo tomando suas almas. Assim como a América Latina, a Amazônia aparece em seus textos como ambiente estereotipado, com lugares “repletos de mosquitos” e “insetos peçonhentos”; lugar em que as cidades são personificadas de forma reducionista, adquirindo formato de “entes grotescos”, com qualidades e sentimentos inferiores; local em que se troca a virgindade por poucos vinténs, onde reinam doenças venéreas, como a sífilis e outras epidemias e moléstias como sarampo, varíola; localidade em que impera a (des)virtude e o “incomum” se torna prática de todos. Essa é uma Amazônia deliberadamente caricata e ainda hoje essa concepção está vinculada a certo imaginário europeu que teve como objetivo assolar a floresta.

É nesse sentido que Albuquerque (2019) observa que Craveiro Costa, em *A Conquista do Deserto Ocidental* (1973), segue em suas reflexões uma lógica colonizadora, e, distorcendo pejorativamente sentidos, instaura uma concepção, denominada por Albuquerque, de amazonialista, sendo assim representada:

Na narrativa de Costa, tais “levas de desesperados”, formadas por “homens ousados e inteligentes na sua rudeza de sertanejos, que souberam reviver o período colonial da conquista dos sertões bravios” e, em meio à “selva” e aos “selvagens”, esses “paroaras” – cearenses, piauienses, maranhenses, northeriograndenses, paraibanos, alagoanos, pernambucanos – “lançaram a Amazônia à civilização” (Albuquerque, 2019, p. 73).

Encontramos nessa narrativa informação que nos proporciona uma gama de indagações, pois, no trecho em tela, Albuquerque busca desvendar de modo crítico os múltiplos sentidos que foram sendo construídos ao longo do tempo/espço, presentes nos discursos históricos e literários. Estes discursos são objetificados nos mais diversos suportes acolhedores de imagens e textos, tais como: expressões orais e escritas, representações de crenças, configurações de objetos, seres, relações e contatos sociais, repletos de valores políticos e econômicos. Por essa razão, precisamos desfamiliarizá-los, construindo outras narrativas, a fim de

[...] Re-imaginar de dentro significa dizer e desdizer, significa ressignificar e repensar as definições e conceitos sobre o local. Se no passado milhares de povos indígenas foram dizimados pela colonização, ainda hoje muitas vozes são apagadas, desvirtuada, aniquiladas ou negligenciadas porque o que se ouve são os rumores externos que se impõem sobre os internos (Nenevé; Sampaio, 2015, p. 21).

Notamos que as reflexões de Nenevé e Sampaio também estão em consonância com as observações de Albuquerque (2019) e de Silva (2020). Por sua vez, este último inicia sua obra, intitulada *Acre, formas de olhar e de narrar: natureza e história nas ausências*, convocando-nos a fazer um exercício analítico diferenciado; convocando-nos a pensar sobre outras formas de perceber os sentidos de narrativas históricas e literárias, produzidos e reproduzidos historicamente sobre os seres e espaços tecidos na Amazônia.

Em todos os casos dos autores acima apresentados, focalizando a Amazônia, eles nos explicam que é necessário construir e aperfeiçoar novas formas de "desdobrar", "distorcer" sentidos, para que possamos perceber criticamente outros significados que estão nas entrelinhas de narrativas; para que possamos desvelar os sentidos, sentidos estes que estão muitas vezes sutilmente invisibilizados por atravessamentos ideológicos, a partir de interesses, valores e subjetividades outras; a partir dos seus lugares e posições políticas, econômicas e sociais, pautadas por uma perspectiva que está, com frequência, do "lado de fora" do espaço amazônico.

Nas reflexões críticas empreendidas por Silva (2020), mesmo variando as formas, meios e suportes de divulgações de textos, no caso sobre a Amazônica acreana, as configurações de preconceitos contra sujeitos que habitam este espaço geográfico versam sobre "um Acre que permanece exótico aos olhos externos, lugar dos 'povos' da floresta, ícone da preservação ambiental, com suas identidades indígenas e 'nordestinas'

[...] que redundaram no Acre atual." (Silva, 2020, p. 16). Nessa mesma cadeia significativa, Albuquerque destaca que

Em certa tradição historiográfica e em certas obras literárias – de “expressão amazônica” – é possível perceber a presença de determinados enunciados definindo espaços/tempos amazônicos, especialmente, da Amazônia acreana, seus rios, florestas, gentes e cidades. São enunciados que exerceram e exercem forte apelo na subjetivação de certos sentidos, certas noções dos seres e lugares no mundo, como se as palavras e as coisas, as identificações e os seres identificados e catalogados por esses enunciados e simbologias não estivessem apartados. A rigor, são práticas discursivas e não simples narrativas históricas ou comprometidas com um hierarquizado valor estético, [...] (Albuquerque, 2019, p. 35).

Vemos no excerto pontuado acima que muitas sentenças amazonialistas (em narrativas que são historicamente construídas ao longo do tempo sobre os espaços, os rios, os seres humanos e não humanos, incluindo aqui suas relações sociais, políticas, religiosas, econômicas entre outras que possam ser constituídas pelos imaginários amazônicos) são universalizantes e homogeneizadores de processos discursivos pejorativos. Não sem razão, o autor também pondera que

[...] Tal conjunto de narrativas, amplamente difundido, repetido e cristalizado produziu subjetividades, apagando ou eliminado violentamente as línguas, memórias, culturas e histórias outras, no processo histórico em que foi instituindo a “região amazônica” – entre os séculos XVI e o XIX –, inventando e catalogando seus povos, rios, fauna e flora, fabricando identidades e fronteiras “amazônicas” e “não-amazônicas”, fabricando e introjetando narrativas de diferentes sujeitos (pessoas físicas e jurídicas) que partem da ideia ou da palavra/conceito Amazônia como um todo homogêneo, referência de lugar, identidade, vivência ou existência de incontáveis seres humanos e não-humanos, naturais e não naturais (Albuquerque, 2016, p. 78-79).

Seguindo a lógica desse pensamento, podemos inferir que o mundo colonial/moderno/amazônico é um local de degenerescência; é um local de destruição, da promiscuidade, da prostituição, do apagamento, do silenciamento, do ocultamento, da invisibilidade. Mas também do contato, do encontro e desencontro. Por meio de ponto de vista semelhante, Thomas Whiffen, no livro *O noroeste amazônico: notas de alguns meses que passei entre tribos canibais*, assim expressa o que viveu e passou em sua viagem pelas "Amazônias", realizadas no início do século XX: os "índios são traiçoeiros",

"não têm ambição", "são selvagens". Em relação à região, o viajante declara que é um lugar, "muito quente", "úmido", "infestado de mosquitos e insetos", "varíola, beribéri, febres". Estas são apenas algumas expressões extraídas da obra, em que destaca o espaço do Noroeste amazônico, por meio de relatos de experiências, escritas em formato de relatório, que posteriormente foram transformadas em livro.

Ainda que o passado não possa ser modificado, podemos reavaliá-lo de forma crítica, questionando essas narrativas construídas sobre a Amazônia, sobre os processos econômicos, sociais, políticos, culturais, religiosos, espirituais, tecidos a partir de um olhar – essas são escolhas críticas mediadas pela perspectiva de analistas que resgatam um tempo do vivido, indagando este passado a partir do presente. Não por acaso,

O sistema colonial implantado desestruturou o mundo amazônico, destruiu grande parte das culturas de floresta tropical e reordenou a ocupação do espaço em outras bases, desprezando o saber até então produzido e acumulado pelos índios. Numa perspectiva mercantilista, os índios constituíam a principal riqueza da região, na medida em que eram a única força capaz de extrair da floresta os produtos de interesse para o mercado europeu (Freire, 2011, p. 89).

No processo de nomear e ressignificar o universo amazônico, estamos sempre manipulando sentidos e intenções que dizem respeito a interesses particulares e coletivos. No que se refere aos conceitos empregados por exploradores da região por eles nomeada de Amazônia, percebe-se em seus textos sempre a presença do interesse de substantivar para se apossar, além do processo de negar o outro, ou definir os espaços como vazios, os quais precisam ser ocupados e explorados economicamente em benefício da coletividade, mas sempre ocultando outras coletividades ali existentes. Segundo Albuquerque (2016, p. 82):

O amazonialismo se reveste de expressões/conceitos que lhe conferem sentido e dão sustentação no universo de palavras, imagens e gestos significantes, [...] Dentre tais expressões/conceitos é possível destacar: vazio, deserto, silêncio, distante, selvagem, sertão, bárbaro, inculto, indolente, sensual, violento, isolado, intrafegável, chuvoso, incivilizado, atrasado, lento, parado, monótono, irreal, fantástico, insalubre, infernal, entre outros, instituídos de modo aparentemente paradoxal aos seus "opostos": paraíso, maravilhoso, belo, salubre, eldorado, pulmão do mundo, celeiro do Brasil, sustentável.

Percebemos que essas palavras são utilizadas com recorrência em textos históricos, relatos de viagem, etc., para nomear, denominar, classificar, legitimar; são usadas para promover o apagamento das alteridades outras; apagamento dos diferentes modos de ser e de agir no mundo. Na realidade em que estamos inseridos, certa ideologia moderno-contemporânea busca transformar tudo em mercadoria, por meio do fetichismo das relações humanas. A universalização estética é um apagamento das individualidades. Assim, a estética está no ato de fazer, enquanto na política, a estética está no ato de realização do espetáculo, da comoção, a política comove através da sedução. Com este movimento, de nomear e renomear, são impostos sentidos aos outros seres e saberes. Por esse ângulo, Albuquerque (2016, p. 83) ainda nos afirma que

No âmago dos escritos dos primeiros “intérpretes” brasileiros sobre a “Amazônia”, orientando a tecelagem da espacialidade/temporalidade amazônica, reina soberana a ideia do vazio. [...]. Sempre pautadas por modelos de intervenção que contam com o amparo de empresas nacionais e internacionais, ávidas pela exploração/mercantilização da natureza, pela mão-de-obra barata e por novos mercados consumidores. Nisso se assentou e tem se assentado as políticas de “desenvolvimento regional” e suas miríades mais recentes: “desenvolvimento sustentável”, “economia verde”, “Redução de Emissões Decorrentes do Desmatamento e da Degradação Florestal (mercado de carbono)”.

Nesse sentido, tudo o que falamos e narramos está relacionado com nossos valores culturais e estabelecem mediação entre nós e os outros da interação sociocultural. Somos produtos e produtores de sentidos e valores culturais que expressam nossas crenças e ideologias sobre o mundo natural e social. Tudo isso é elaborado a partir de um espaço/tempo em que vivemos. Portanto, percebemos que as relações sociais determinam as formas de agir e pensar de um grupo de indivíduos. As interações sociais são determinantes para influenciar a maneira de vestir, negociar coisas e serviços, para relacionar-se amorosamente e amigavelmente. Tudo é fruto de processos gestados no interior de grupos, sociedades humanas. Destacamos que o conhecimento não acontece só através de processos revolucionários, ou de rupturas, mas, sim, através de processos contínuos e descontínuos no interior dos espaços coletivos sociais.

Nessa mesma lógica, segundo Ishii (2019, p. 72), “a desconfiança, com relação aos ‘indígenas’, acompanha e sombreia as narrativas de viagem de William Chandless, por rios amazônicos. Seus ‘registros’ reencenam teatros, nos quais os ‘homens da terra’

aparecem/desaparecem nas 'letras brancas' de sua escrita". Atravessado pelas narrativas documentais que ele tinha estudado, Chandless traz para sua escrita todos os valores e sentidos contidos nos documentos por ele analisados, atinentes a sujeitos outros que habitavam e ainda habitam essas regiões conhecidas como Amazônia.

Para a pesquisadora Ishii, ao ler os relatos de Chandless, podemos perceber as mesmas narrativas dos viajantes e exploradores anteriores a ele, destacando o mesmo lugar comum sobre os ambientes e sujeitos que eles encontravam ou imaginavam existir nos espaços/tempos – segundo o excerto a seguir: “Covardes’, ‘hostis’, ‘traíçoeiros’, ‘ladrões’, ‘mentirosos’, os velhos adjetivos desqualificadores dos grupos indígenas contrastando com outra visão, também, idealizada nos séculos de contato, o de ‘raça guerreira’” (Ishii, 2019, p. 73) – assim há em seus relatos uma tendência herdada que visa homogeneizar práticas culturais e relações sociais. Assim, em sua escrita, há os velhos adjetivos desqualificadores de grupos indígenas contrastando com outra visão, também, idealizada nos séculos dos períodos coloniais, o de “raça guerreira” – essas e muitas outras expressões ocupam as páginas do relato de Chandless.

Podemos perceber que as relações do homem de letras com os seus ajudantes nem sempre eram amistosas, segundo o que próprio William Chandless relatou em seus escritos, os sujeitos não eram confiáveis. Por exemplo, ao explicar que houve momentos em que seus remadores atiravam, durante a noite, os remos nas águas do rio, objetivando interromper a viagem. "Os remadores indígenas e mestiços, durante a noite, atiravam seus remos nas águas dos rios [...]" (Ishii, 2019, p. 102). Nesse sentido, segundo a autora, devido ao ato “silenciado de revolta”, as muitas vozes que os viajantes invisibilizam estavam apenas vinculadas às tradições orais. Por esse prisma, é preciso traduzir os relatos de viajantes, fazendo um intenso diálogo com as culturas e as cosmologias dos diferentes grupos narrados nesses discursos, cujas vozes foram emudecidas historicamente.

Nesse aspecto podemos perceber que as interações sociais possibilitam as construções dos processos dialéticos e dialógicos, além da formação e criação de novas formas de narrar e perceber o mundo e as relações que são produzidas pelas interações humanas. Nesse processo, torna-se importante o local, a temporalidade do dito, quem diz o dito, como este dito é dito sobre o fenômeno, o evento, o fato, os relatos, os sentidos das construções narrativas. Seguindo este mesmo pensamento, consideramos também importante analisar alguns fragmentos presentes em obras literárias que expressam

sentidos amazonialistas e colonizadores, a exemplo das narrativas históricas acima apresentadas.

Representações amazonialistas em narrativas literárias: perspectivas reducionistas sobre espaços e habitantes da região amazônica

Consideramos para efeito de análise o sentido da palavra/conceito de amazonialismo, cunhado por Albuquerque (2016). Conforme explicado no tópico anterior, fazemos uso das reflexões desse autor e de outros estudiosos que nos possibilitam pensar criticamente a partir de outras perspectivas, a fim de problematizar os sentidos produzidos ao longo dos tempos/espaços que foram se configurando e se reconfigurando em meio a significados reducionistas em torno de uma ideia de Amazônia.

Sobre os espaços e sujeitos que habitaram essa localidade, destacamos que esse ambiente passou a ser explorado por indivíduos que buscavam, inicialmente, coletar e produzir riquezas para atender as suas necessidades e as de outros seres humanos, visando contribuir com processo de produção de indústrias nacionais e globais. Contudo, no momento que muitos colonizadores chegaram às regiões amazônicas, esses lugares passaram a ser vistos por eles sob uma perspectiva reducionista.

Neste tópico, não temos ambição de esgotar todas as possibilidades sobre a temática em pauta e nem de abordar todos os suportes conceituais, a partir dos quais as citadas expressões amazonialistas foram e ainda hoje são empregadas, mas almejamos problematizar essas concepções por meio do comentário de algumas narrativas literárias, porém dando mais destaque às concepções teóricas dos seguintes autores: Silva (2020), Albuquerque (2016), Bakhtin (2006), Said (2007) e de Loureiro (2014), pois eles nos ajudam a analisar, com profundidade, sentenças que estão implícitas aos discursos amazonialistas.

Desse modo, consideramos que a narrativa, intitulada *Rios e barrancos do Acre* (1968), de Mário Maia (1968), está em consonância com aquilo que estamos analisando aqui, pois, no momento em que o narrador determina sobre os espaços, objetos e sujeitos, é possível destacar as seguintes expressões: o "isolamento selvagem", as "coitadas vindas dos seringais", a "velha meretriz", "o seio solitário da floresta", a "úmida região", a "negra pobre", a "cor de mulaterio". Aqui, observamos que foram extraídas do romance adjetivações que expressam sentidos amazonialistas, nos quais não nos sentimos representados enquanto habitantes, trabalhadores, parentes de seringueiros,

sujeitos amazônidas, que viveram e vivem nos seringais, colocações e cidades que foram cenários da trama do romance do autor acima citado.

Com esse mesmo direcionamento discursivo, estão textos importantes, tais como *Inferno verde: cenas e cenários do Amazonas* e *Deserdados*, de Alberto Rangel (2001) e Carlos Vasconcelos (1922), respectivamente. Esses dois autores fazem em suas obras uso da mesma retórica amazonalista e colonizadora, ao utilizar, por exemplo, as seguintes palavras/conceitos: "sertão", "terra em formação", "Zona tórrida", "rincões", "solidão", "longe", "inferno verde", "purgatório", entre muitos outros. Tais expressões, para esse estudo, expressam genuinamente sentidos distorcidos da cultura e do *modus vivendi* amazônida. Aqui a análise elaborada busca estar em sintonia com os estudos de todos os autores teóricos citados anteriormente que primam por uma perspectiva analítica descentralizadora.

Podemos perceber nas palavras/conceitos acima citadas representações que evidenciam processos universalizantes, naturalizantes, evolucionistas, homogeneizantes e que por conta disso são colonizadoras e amazonalistas – expressões essas que encontramos na escrita de diversos autores e escritores que ousaram descrever pejorativamente os espaços e os sujeitos amazônicos, ressaltando técnicas de pesquisa interligadas aos mais diversos campos e/ou áreas do saber.

Considerando os estudos e reflexões do teórico russo Mikhail Mikhailovich Bakhtin (2006), podemos inferir que as palavras/conceitos são atravessadas por múltiplos sentidos, que servem para representar e nomear a realidade e são buriladas a serviços e interesses de pessoas e grupos sociais. Nesse sentido, o autor assevera que

[...] Na realidade, toda palavra comporta *duas faces*. Ela é determinada tanto pelo fato de que procede *de* alguém, como pelo fato de que se dirige *para* alguém. Ela constitui justamente *o produto da interação do locutor e do ouvinte*. Toda palavra serve de expressão a *um* em relação ao *outro*. Através da palavra, defino-me em relação ao outro, isto é, em última análise, em relação à coletividade. A palavra é uma espécie de ponte lançada entre mim e os outros. Se ela se apoia sobre mim numa extremidade, na outra apoia-se sobre o meu interlocutor. A palavra é o território comum do locutor e do interlocutor (Bakhtin, 2006, p. 115).

Essa teorização é fundamental para os objetivos deste estudo, por enfatizar que as palavras/conceitos são o elo que transporta os sentidos de um espaço-tempo a outro, uma espécie de ponte; ligação entre os sujeitos humanos. Seguindo esta mesma trilha, Loureiro (2014) nos possibilita afirmar que explicar os sentidos amazônicos torna-se

arbitrário, pois esses sentidos não podem ser explicados, mas experienciados, como nos afirma o autor no trecho a seguir:

[...] Mas, às vezes, quando a gente quer explicar o que é o amazônico e a amazonicidade daquela forma, a gente não consegue muito, porque é mais algo para ser percebido e sentido do que propriamente para ser racionalizado e explicado. Uma vez que menos do que uma técnica, menos do que uma receita, menos do que uma transferência de modelo, nós temos na verdade uma vivência que se revela e se reflete através daquela forma e que eu chamaria de uma “amazonicidade” que emerge e dá aquele tom. O que nós podemos perceber na obra é um ethos da cultura amazônica que emerge e, pra isso, é preciso que haja certo curto-circuito entre o produzir e o receber no âmbito de uma cultura que dialogue (Loureiro, 2014, p. 34).

Para o autor do fragmento, não basta só ver, mas é importante sentir para que possamos formular os sentidos. Estes são manifestados nas trocas culturais; são valores híbridos, elaborados, valorizados e desvalorizados na interação social. A dupla consciência é perceber as contradições que são construídas através das relações, mediadas nos espaços que estamos inseridos: somos e não somos sujeitos na relação; não somos seres essenciais, mas essencializados; somos fruto de contatos, relações, hibridismos, forjados por processos sociais. Os sentidos são captados nas relações; as narrativas são processos ficcionais. Para percebermos os fatos, precisamos ouvir outras memórias, outras histórias. Assim, de acordo com Albuquerque (2016, p. 78-79):

[...] Tal conjunto de narrativas, amplamente difundido, repetido e cristalizado produziu subjetividades, apagando ou eliminado violentamente as línguas, memórias, culturas e histórias outras, no processo histórico em que foi instituindo a “região amazônica” – entre os séculos XVI e o XIX –, inventando e catalogando seus povos, rios, fauna e flora, fabricando identidades e fronteiras “amazônicas” e “não-amazônicas”, fabricando e introjetando narrativas de diferentes sujeitos (pessoas físicas e jurídicas) que partem da ideia ou da palavra/conceito Amazônia como um todo homogêneo, referência de lugar, identidade, vivência ou existência de incontáveis seres humanos e não-humanos, naturais e não naturais.

Nessa seara, o tempo da narrativa não está ligado apenas ao momento do acontecimento narrado, mas aos sentidos que são atribuídos aos mesmos relatos, só que analisados a partir do presente. Mesmo assim, os fatos narrados não dão conta da totalidade vivida, experienciada, quando narramos escolhemos aspectos do vivido,

nuances de experiências. Os objetos aqui selecionados são narrativas escolhidas, seguindo infelizmente preconceitos delineados pelos olhares de narradores. Suas tramas representam ideologias de um passado, porém reavaliadas pelo prisma da nossa contemporaneidade.

Para Albuquerque, os discursos que imperam nesses textos estão vinculados aos “vazios de sujeitos”, “valores e civilização”. Neles, destaca-se a metáfora do distante, onde tudo é necessário fazer para que possa ser habitado por “seres dotados”. Nesse sentido, todas as formas utilizadas para eliminar ou afastar os empecilhos do desenvolvimento, do progresso, no sentido de facilitar a exploração de recursos naturais desejados pelas nações industrializadas eram historicamente aceitas sem nenhuma forma de objeções sobre estes atos praticados pelos exploradores e/ou aventureiros. Ainda que tais atos fossem geradores de violência contra os nativos, habitantes dos espaços em que muitos instalavam, a fim de obter a exploração lucrativa, construindo, em meio à Amazônia, novos centros produtores da borracha. A respeito disso, Albuquerque (2015) nos explica que as fontes literárias, bem como documentos históricos, expressam e/ou representam relações ocorridas entre os sujeitos em um dado espaço/tempo vivido. Não sem motivo, ele assim detalha no fragmento citado abaixo:

As fontes de pesquisa, assim como os conceitos, são movimentos históricos, [...]. Expressam relações sociais e de poder, tensões, conflitos. São produzidas em contextos históricos determinados. Histórica é sua produção, históricos são seus sentidos, significados e formas de significação. Os documentos escritos, as falas, as imagens, as palavras, os discursos, os silêncios não podem ser tomados como dados em si, “coisas inocentes”, “naturais”, objetivas, expressão de verdades instituídas ou instituidoras do absoluto de um passado intocável, imexível (Albuquerque, 2015, p. 3).

De acordo com o autor, Amazonialismo é a ferramenta analítica com a qual está operando para problematizar e devassar os sentidos naturalizantes que foram e ainda são empregados para os diversos sentidos que foram produzidos sobre os seres e espaços amazônicos. Nesses meandros, o autor utiliza esta ferramenta analítica para indagar os sentidos universalizantes, naturalizantes, homogeneizantes pelos quais foram narrados e representados sujeitos, lugares e modos de ser dos indivíduos nos espaços amazônicos.

Evidencia-se, na maior parte dos textos que abordam a “ocupação” da região, um desprezo pelas populações de mulheres, crianças e homens que a habitavam antes da chegada dos exploradores e mercadores da fauna e da flora regional. Mais que isso, o desprezo alcança toda e qualquer possibilidade de se discutir a história da região em qualquer período que não o compreendido pelos deslocamentos humanos, pelos conflitos e por todas as formas de exploração e organização social, marcadas pela economia da borracha (Albuquerque, 2015, p. 12).

Como podemos perceber, é por meio da identificação de conflitos de interações sociais que as comunidades tradicionais estão o tempo todo em processo de transformação. Desse modo, consideramos que os valores não são imutáveis, quando falamos de grupos que habitam a região amazônica não temos como pensar de forma homogênea sobre esses grupos, pois todos são diversos em suas formas de ser, de se relacionar, de se organizar entre si e em relação aos outros grupos com os quais coabitam. Os grupos tradicionais são por excelência grupos decoloniais; estão à margem do modelo dos colonos e dos colonizadores; são determinados sujeitos que investidos sob o poder de um estado nacional garantem o próprio poder de autonegação, categorizando, para si, espaço, objetos, animais, rios, árvores. Nas obras literárias comentadas aqui, os grupos tradicionais aparecem inferiorizados em constante relação a um outro, que, por seu turno, oprime, cala, desumaniza, mata. Nesse processo, o "outro" é sempre o seu oposto, sendo este último um "eu" antagônico, sempre reduzido em relação ao que está sendo nomeado.

Albuquerque tece reflexões sobre processos sociais que ocorriam na busca e capturas das crianças e jovens indígenas. Para ele, essas ações estão registradas em diversos documentos históricos e em textos literários. Esses eventos eram realizados de forma violentas e quase sempre, neles, ocorria morte dos pais dessas crianças, dos parentes e a destruição das localidades onde habitavam. Essa prática era realizada em prol de exploração de mão de “obra barata” para colaborar com a construção de “um futuro próximo”; para mostrar às outras regiões e cidades brasileiras a benevolência dos desbravadores dessa localidade, além de conquistarem almas para o “reino de deus”, mesmo que para isso fosse preciso destruir comunidades inteiras de indígenas e suas formas de vida cultural.

Não é por acaso que, nas narrativas literárias citadas acima, há um discurso e um contradiscurso, que podem ser explicados por meio das seguintes observações de Said:

Outra razão para insistir na exterioridade é que eu acho que é preciso esclarecer sobre o discurso cultural e o intercâmbio no interior de uma cultura que o que costuma circular não é "verdade", mas representação. Não é necessário demonstrar de novo que a própria linguagem é um sistema altamente organizado e codificado, que emprega muitos dispositivos para exprimir, indicar, intercambiar mensagens e informação, representar e assim por diante (Said, 2007, p. 33).

Para Said, existem no mínimo duas lógicas discursivas: uma vinculada a certa "verdade" e outra que visa se transformar em representação. Não sem razão, as capturas dos rebentos indígenas se justificavam pela facilidade que estes tinham de ser disciplinados, domesticados pelos brancos, enquanto os adultos eram exterminados por não mais se submeterem aos ensinamentos e trabalhos nos moldes capitalistas de produção empreendidos pelos seringalistas e seringueiros em anuência com as autoridades dos departamentos, no sentido de apagarem os diversos traços identitários das populações indígenas que aqui habitavam. Assim, em meio às verdades da história, foi-se construindo aos poucos narrativas ficcionais nas quais estão encobertas certas discrepâncias da colonização. Nas palavras de Silva (2020, p. 107), "[...] as marcas dessas múltiplas nomenclaturas [que encobrem traços culturais de] indígenas permanecem nos [...] rios, igarapés, cidades, animais, seringais, colônias, times de futebol, fazendas, frutas e na culinária com ingredientes de origem silvestres e nativa." Corroborando essas reflexões, Albuquerque (2016) desenvolve suas críticas, afirmando que:

[...]. A essencialização de identidades, lugares, regiões, pessoas se constituem como parte da produção de sentidos únicos, abstratos e a-históricos enquanto mecanismos de consolidação das formas de poder, mercado, desenvolvimento, progresso, modernidade e todas as suas variações e desdobramentos: história universal, arte universal, direitos universais, igualdade universal. [...] (Albuquerque, 2016, p. 80).

O processo de trabalho do extrativismo predominou sob a perspectiva de um poder, poder dos brancos que consomem os seus semelhantes, como, por exemplo, os negros, indígenas e os desfavorecidos socialmente, ou vítimas de catástrofes naturais – como podemos afirmar sobre os sujeitos que habitavam a região do nordeste. Em relação aos povos indígenas, o processo de extermínio não era deliberado, mas interessava ao processo de civilização dos povos, sem deixar de perceber que os sujeitos estavam em

constante processo de incorporação dos valores culturais e materiais dos outros. À vista disso, as relações não são harmônicas, mas de intensas contradições.

Por meio da análise dos sentidos de expressões amazonialistas, é-nos permitido perceber os conteúdos que estão nas fronteiras, nas dobras, nas fendas, segundo nos apresentou o autor Silva (2020). Desse modo, podemos perceber "o conteúdo sexista e da Bolívia feminina como presa fácil no território masculino (campo de batalha e arena pública), continua sendo a Tonica da chalaça envolvendo questões de gênero e de fronteiras nas páginas da revista *O Malho*" (Silva, 2020, p. 118). Sob tal ótica, os textos literários comentados aqui também nos apresentam certa forma humorística das ações belicosas entre as nações e os sujeitos envolvidos nas disputas pelos espaços e riquezas presentes, por exemplo, naquilo que viria a ser o Acre, a princípio, um simples Território, mas posteriormente estado anexado à nação brasileira.

Em conformidade com o Silva (2020), esse espaço seria semelhante a um filho/ente bastardo: "Em outra perspectiva, mas como o mesmo sentido, temos as figuras dos heróis *paternos* encarnados em Plácido de Castro, Barão do Rio Branco e outros *pais* menos reverenciados." (Silva, 2020, p. 120). Por sua vez, considerando o que nos afirma Albuquerque (2015), textos ficcionais, como os de Alberto Rangel, Carlos Vasconcelos e Mário Maia, ou até mesmo documentos escritos sobre a Amazônia apresentam uma determinada lógica do momento histórico, isto é, constantemente atravessados por interesses político, sociais e econômicos:

Todos esses diferentes textos, autores e abordagens concebem a formação histórica da região como mero desdobramento da história do "desenvolvimento capitalista" ocidental. Nessa perspectiva, a Amazônia acreana é compreendida e inserida como parte da história somente a partir da economia gumífera, cujos empreendimentos foram motivados e articulados em torno dos interesses das indústrias internacionais por uma matéria-prima oriunda das florestas amazônicas: a borracha "fabricada" a partir do corte (extração), coleta e defumação ou prensa do leite da seringueira (*hevea brasiliensis*) (Albuquerque, 2015, p. 12).

Considerando de seu lado as reflexões desenvolvidas por Silva (2020), é a partir dos documentos e obras literárias perscrutadas para o entendimento e desvelamento dos sentidos explícitos e implícitos, ou nas suas dobras, que podemos identificar na íntegra a sua proposta ideológica. Até mesmo as charges buscam retratar os acontecimentos de maneira engraçada, carregadas de humor, mas não deixam de expressar de forma velada um forte conteúdo carregado "[...] de questões de conotações étnicas, sexuais,

gênero, militares e diplomáticas transplantadas para os diversos estereótipos que Brasil e Bolívia podiam oferecer às ironias mais ligeiras" (Silva, 2020, p. 130). Assim, Silva apresenta a interrelação desses conteúdos entre preconceitos e conservadorismos presentes não apenas em expressões de sujeitos de determinada época, mas representados também em obras literárias, tais como as comentadas aqui.

Dentre o rol dessas narrativas, outros romances também abordaram esses acontecimentos de forma semelhante, tratando o local representado nas suas tramas como um espaço vazio, distante, desprovido de humanidade e civilização, segundo Silva,

Em todas essas questões trazidas ao debate neste tópico, creio que elas lidam com múltiplas comunidades imaginadas relacionadas ao Acre e notadamente em torno de um conjunto de ausências que lhe são narradas, outorgadas, sentidas, determinadas, visualizadas e inventadas. Temos um Acre que é em grande medida mostrado como um não-lugar, seja como sociedade ou parte de alguma nação (Brasil, Peru e Bolívia) até os anos iniciais do século XX. Um território visto como desterritorializado porque não teria marcas humanas na lógica do progresso e das nacionalidades [...] (Silva, 2020, p. 144).

Precisamos ler o que está dito explicitamente, ou seja, toda imagem está atravessada de valores culturais, religiosos, políticos, econômicos, para que, a partir deste local, busquemos desfamiliarizar os sentidos dados. Considerando que a Amazônia é frequentemente representada em narrativas literárias como um lugar de atraso, sendo interpretada por esses autores que a reduzem pejorativamente como "inferno verde", já que, para eles, na Hileia, não há marcas de modernidade, está sempre atravessada pelo sentido do "outro", do negativo. Vivemos em um "arquipélago sem luz". É preciso reconhecer que a Amazônia representa vários mundos e contatos que estão além dessas visões reducionistas.

Portanto, ao comentar as narrativas literárias de Alberto Rangel (2001), Carlos Vasconcelos (1922) e Mário Maia (1968), por meio do destaque feito às concepções teóricas de Silva (2020), Albuquerque (2016), Bakhtin (2006), Said (2007) e de Loureiro (2014), averiguamos que o amazonialismo se constitui e se reconstitui historicamente de forma múltipla e complexa. Não é por acaso que, hoje, necessitamos de uma reflexão crítica que seja capaz de avaliar determinadas contradições discursivas que foram impostas a regiões amazônicas, a fim de redefinir a maneira como a Hileia foi e por vezes ainda é culturalmente silenciada.

Considerações finais

À guisa de conclusão, consideramos que as leituras estimuladas pelos textos (de Gerson Rodrigues de Albuquerque, Albert Memmi, Márcio Souza, José Ribamar Bessa Freire, João José Veras de Souza, Nelson Maldonado-Torres, Lucilia de Almeida Neves Delgado, Agenor Sarraf Pacheco, Raquel Alves Ishii, entre outros) nos proporcionaram outras percepções sobre as palavras/conceitos, que, de forma pejorativa e preconceituosa, desqualificam, tanto em textos históricos como em narrativas ficcionais, os espaços, objetos e sujeitos, por meio do jogo de interesse de apossar-se das riquezas naturais e dominar. Essas leituras nos atravessaram com sentidos outros, uma vez que historicamente fomos deslocados, desconstruídos das nossas certezas, sobre as representações da realidade, das identidades, das narrativas históricas, literárias, das memórias que foram tecidas ao longo do processo histórico que nos constituíram.

Podemos perceber, estimulados pelas reflexões dos autores com os quais dialogamos no processo de leitura desse texto, que o passado não é uma narrativa pronta, as imagens não são dadas de imediato, mas trazem em si nuances de realidades, como reflexos de espaços/tempos, de momentos ideológicos distintos, a partir de um determinado interesse, de modo a distorcer certos sentidos. Por esse prisma, precisamos de informações sobre as imagens, do contexto em que elas foram feitas; do contexto em que obra e autor estão inseridos.

Enfim, consideramos que precisamos problematizar sentidos configurados e reconfigurados historicamente sobre a Amazônia, pois os discursos têm o poder de expressar de maneira ideológica conceitos que distorcem práticas culturais e sociais que poderiam ter sido pautadas por experiências *in loco*, ou seja, por pessoas que representam, de fato, o *modus vivendi* amazônica. Precisamos compreender que conceituar ou representar é sempre uma escolha e, como vimos, essas escolhas foram sempre ideológicas, cultivadas por um ideal de civilização que visava apagar traços culturais e sociais de um “outro”. Agora, é o momento de tecermos criticamente uma teoria que discuta essas e outras contradições.

REFERÊNCIAS

ALBUQUERQUE, Gerson. *Amazonialismo* [verbete]. In: ALBUQUERQUE, Gerson R. de; SARRAF-PACHECO, Agenor. *Uwa'kürü: dicionário analítico*. Rio Branco: Nepan, 2016.

- ALBUQUERQUE, G. História e Historiografia do Acre: notas sobre os silêncios e a lógica do progresso. *Tropos: comunicação, sociedade e cultura* 1(4), 2015. Disponível em: <https://periodicos.ufac.br/index.php/tropos/article/view/342>. Acessado em: 15 jun. 2024.
- ALBUQUERQUE, Gerson. *Uma certa cidade na Amazônia acreana*. 2019. Tese (Progressão Funcional ao Cargo de Professor Titular). UFAC, Rio Branco, 2019.
- BAKHTIN, Mikhail Mikhailovich. *Marxismo e filosofia da linguagem*: 12ª Ed. São Paulo: HUCITEC EDITORA, 2006.
- COSTA, Craveiro. *A Conquista do Deserto Ocidental*. São Paulo, Companhia Editora Nacional, 1940/1973.
- CUNHA, Euclides. *Um paraíso perdido*: reunião de ensaios amazônicos. Coleção Brasil 500 anos. Brasília: Senado Federal, 2000.
- DELGADO, L. de A. N. História oral e narrativa: tempo, memória e identidades. *História Oral*, n. 6, 2009. <https://doi.org/10.51880/ho.v6i0.62>. Disponível em: <https://revista.historiaoral.org.br/index.php/rho/article/view/62/54>. Acesso em: 15 jan. 2024.
- ISHII, Raquel Alves. *William Chandless*: arte e ofício em literatura de viagem pelas Amazônia. Rio Branco (AC): Nepan Editora, 2019, 125 p.
- LOUREIRO, João de Jesus Paes. Mundamazônico: do local ao global “AMAZONIAN WOLD”: FROM LOCAL TO GLOB. In: *Revista Sentidos da Cultura*, Núcleo de Pesquisa Culturas e Memórias Amazônicas" Belém/Pará. V.1. N. 1. Jul-dez/2014 CUMA/EDUEPA.
- MAIA, Mário. *Rios e Barrancos do Acre*. 3. ed. Niterói: 1978
- NENEVÉ, Miguel; Sampaio, S. M. G. Re-imaginar a Amazônia, descolonizar a escrita sobre a região. In: Gerson Albuquerque, Miguel Nenevé, Sonia Sampaio. (Org.). *Literaturas e Amazônia*: colonização e descolonização. Rio Branco: NEPAN, 2015, v. 1, p. 13-29.
- FREIRE, José Ribamar Bessa. *Rio Babel*: a história das línguas na Amazônia / José Ribamar Bessa Freire. - Rio de Janeiro: Ed. UERJ, 2011.
- RANGEL, Alberto. *Inferno verde*: cenas e cenários do Amazonas. Manaus, Valer/Governo do Estado do Amazonas, 2001.
- SAID, Edward W. *Orientalismo*: O Oriente como invenção do Ocidente. Tradução Tomás Rosa Bueno. São Paulo: Companhia das Letras, 1990.
- VASCONCELOS, Carlos de. *Deserdados*. Rio de Janeiro: Editora Livraria Leite Ribeiro. 1922.
- SILVA, Francisco Bento da. *Acre, formas de olhar e de narrar*: natureza e história nas ausência. Rio Branco: Nepan, 2020.
- WHIFFEM, Thomas. *O noroeste amazônico*: notas de alguns meses que passei entre tribos canibais / Thomas Whiffen, John Brown; tradução Hélio Rocha; revisão de tradução Juan Alvaro Echeverri e Mariana Bofarine. – Rio Branco: Nepan, 2019.

Artigo submetido em: 22/07/24
Artigo aceito em: 13/06/25